

O "Magister Dixit,"

por LOBÃO VITAL.

NESTA hora aerodinâmica, em que o mundo deu mais «um passo para a frente na matemática humana», como escreveu Barbusse, ainda existe por essas escolas fora, o *magister dixit*, caricatural ornamento de bric-à-brac de feira provinciana. Grandioso na sua autoridade inflexível de «fera», o «magister» é hoje, em medicina um doente, como algebricamente o podemos reduzir a um olímpico zero.

Embora raro, aparece de quando em quando, imponente, com a mise-en-scène austera duma grotesca figura de tragédia antiga. Ridículo na exibição livresca dos seus vômitos intelectuais, podemos defini-lo, pedagogicamente, como um aborto moral. «Bota de elástico» dos pés à cabeça, representa na sociedade de hoje, raridade a pedir museu.

Prejudicial à evolução cultural do aluno, que o encara, não como o amigo e o educador, mas sim, como adversário perigoso, a quem teme e receia, o *magister dixit* é social e moralmente «um dêsses animais de pêlos na cabeça que em pouco difere dos irracionais», como afirmou o sapientíssimo Voltaire ao falar do homem. Autoritário e dogmático por temperamento, transformando a aula numa arena, em que o «toiro» é o mestre e os toureiros os alunos, êle arremete em ataques furiosos contra as vítimas, muitas vezes indefesas, isto é, em branco... E o pânico é formidável, principalmente quando o frágil sexo se faz representar nos cursos; todavia a aula continua na sua monotonia enervante, entre os berros do «mestre» encolerizado, e as tímidas lágrimas de alguma menina romântica.

— O senhor n.º tal, venha dar lição.

— ?!

— Que foi a guerra dos 30 anos?

— A guerra dos trinta anos...

— Não sabe?

— !!

— Sente-se.

E a aula corre sempre assim, até que surge o «urso» — menino prodígio, muito querido desta categoria de mestres —

que trauteia em vertigem a lição, com vírgulas e pontos, e pontos e vírgulas! E isto sucede-se por todos os dias, na mesma atmosfera de terror, onde o aluno nunca deixa de ser o toureiro, e o mestre o toiro!

Há dias — contudo êste episódio é um milagre — que o *magister* vem bem disposto e conta uma anedota; o curso ri tumultuosamente da piada sem piada, e o mestre contente da façanha diz com ênfase e ligeiro sorriso a bailar-lhe nos lábios já queimados pelo cigarro:

— Vá, vamos à lição.

E a tragédia já descrita sucede-se num drama alucinante, que se vem projectar nos fins dos períodos nas pautas, gráficos que aparentemente representam o adiantamento cultural do aluno.

Êle está para o aluno, como um deselegante auto de há vinte anos para a limousine luxuosa e aerodinâmica dos tempos modernos.

E toda esta história tem o seu epílogo no exame, em que o *magister* de fato domingueiro vem ainda mais fera e mais toiro, tirar contas ao pobre do aluno, que lívido e olheirente sobe ao estrado, como criminoso da Idade-Média à guilhotina.

Felizmente, vai desaparecendo das escolas, dando lugar ao mestre moderno, que mais carinhoso e mais pedagogo transforma «êsse ambiente antipático» no verdadeiro «Templo do Amor».

Ao contrário do que muita gente pensa, o pedido que em terminologia académica se chama cartola ou cunha — e é já um vício nacional como o café é o excitante preferido dos portugueses e o fado a pervertida canção dos doentes, como afirmam os famosos puritanos da nossa terra — tem uma influência notável sobre o *magister*, que no fim de contas é um simples mortal como todo o ser humano.

A família do aluno agita-se, a mamã corre aflita a atormentar as conhecidas com influências sociais, e o pai passa as noites em branco a pensar no remédio para o 8 ou 7 do filho.

Por fim, após muitas consel-

ras, lá se conhece um «senhor» favorito do mestre a quem êste deve favores e que portanto cede... E o aluno, — o desgraçado do aluno — lá passa com muletas, praguejando contra o *magister* que o deixou na espinha e agradecendo ao divino «senhor» influente.

Mas no fim de tudo, existem contrastes curiosos, ridículos na sua essência e grotescos no seu todo. Vemos, quantas vezes! um aluno que quer seguir latim reprovar por causa da algebra, e o aluno que quer seguir algebra reprovar por causa do latim! E... às vezes — quando bem cunhado — passa sem saber, nem latim, nem algebra.

Mas, o heroi — mais heroi que todos os heróis — é o cábula, que passa um ano calculando as probabilidades duma vitória, e depois... calcula as causas próximas e remotas da derrota. Todavia, não queiramos compreender por cábula o aluno bronco e mal preparado que repete os anos por deficiência mental; quantas vezes êle é, um dos mais espertos e mais cultos, mas que devido à babélica orientação dos programas escolares êle fica para traz, enquanto o urso triunfa até obter o célebre e clássico «canudo» que lhe dá entrada nas secretarias. E sobre isto não é necessária muita argumentação, pois basta uma revisão aos grandes valores intelectuais, e verificaremos a verdade das minhas palavras; basta lembrar-nos de Claude Bernard e no nosso país do poeta lírico João de Deus.

Afirma com verdade Émile Durkheim que o «ideal pedagógico duma época exprime o estado duma época considerada». E assim é fácil explicar o fenómeno do *magister dixit*, que hoje é um fantasma a tender para o nada, ou raridade a pedir museu, como já disse. E «êle» já está fora da época, faz-nos lembrar uma carripana do século XIX puxada a lazarentos cavalos.

Pobre *magister*! Como tenho dó dêle! Na sua miséria pedagógica êle exprime e traduz uma época que já pertence à tumba.

O Magister!

E' necessário que êle seja amanhã uma grotesca lenda, que faça sorrir as gerações escolares vindouras ou venha substituir as célebres anedotas de Bocage ou Tolentino.